



**Universidade de Brasília**  
Faculdade de Comunicação  
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

JÚLIA DE LANNOY COIMBRA TAVARES

**AMBULATÓRIO: ATENÇÃO ESPECIALIZADA ÀS PESSOAS  
TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO DISTRITO FEDERAL —  
UM DOCUMENTÁRIO EM CURTA METRAGEM.**

Brasília - DF

2019

JÚLIA DE LANNOY COIMBRA TAVARES

**AMBULATÓRIO: ATENÇÃO ESPECIALIZADA ÀS PESSOAS  
TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO DISTRITO FEDERAL —  
UM DOCUMENTÁRIO EM CURTA METRAGEM.**

Memória apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Brasília - DF  
2019

JÚLIA DE LANNOY COIMBRA TAVARES

AMBULATÓRIO: ATENÇÃO ESPECIALIZADA ÀS PESSOAS  
TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO DISTRITO FEDERAL

Projeto Experimental aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ para obtenção do grau de Bacharela  
em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profª M.<sup>a</sup> Erika Baüer  
Orientadora

---

Profª Dr.<sup>a</sup> Roberta Gregoli  
Membro

---

Profª M.<sup>a</sup> Ana Carolina Matias  
Membro

---

Profª Dr.<sup>a</sup> Elen Geraldес  
Suplente

## **DEDICATÓRIA**

Aos que enfrentam, todos os dias, o medo e as dificuldades de viver em uma sociedade LGBTfóbica, em especial às travestis e transexuais do Distrito Federal e Entorno.

Às todas que se levantaram e reagiram no Stonewall inn, cinquenta anos atrás, inspirando, até hoje, que lutemos pelos nossos próprios direitos e não nos silenciemos às violências e opressões às quais estamos sujeitos diariamente.

À Leonor de Lannoy, minha maior fonte de inspiração, que me ensina, por meio dos seus próprios gestos, a importância e o poder transformador da empatia.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que me incentivou, desde o início, a seguir com esse trabalho, me auxiliando em diversas questões técnicas que envolveram o projeto e me dando imenso suporte emocional para que pudesse concluí-lo. Ao meu pai, meu maior fã, que sempre fez, e faz, tudo o que pode para que não me falte nada. Ao meu irmão, meu imenso orgulho, de quem sinto a falta todos os dias, que, mesmo a distância, me inspira a conquistar meus sonhos e ser o melhor de mim. E a toda a minha família, com quem tenho o privilégio de viver em harmonia e experienciar relações de total fraternidade, sempre com muito amor e afeto.

À Lucci, o Adam e o Igor, que toparam compartilhar comigo e com o mundo parte de suas histórias, acreditando na necessidade e na relevância desse projeto. E ao André, à Jussane, à Lusa, ao Luís Fernando e a todos os servidores do Ambulatório Trans e do Hospital Dia que contribuíram, de diversas formas, para a realização desse documentário.

À Elisa, a Ana Luíza, o Gabriel, a Stephany, a Bruna e o Aleson, que encararam o desafio de produzir cinema independente, dedicando seus esforços, energia e inúmeras horas de trabalho para tornar esse filme possível, sem receber por isso forma alguma de remuneração que não a experiência de construirmos, juntos, esse curta-metragem. A vocês, minha eterna e infindável gratidão. E à Camila e ao Victor, que colaboraram diretamente na produção desse material.

À Jade, com quem compartilho, há quase quinze anos, os aprendizados, as alegrias e as dores de ser quem somos, por estar sempre ao meu lado, entendendo meus defeitos e paranóias, garantindo que eu nunca esteja só e me fazendo sentir importante dentro de todo esse universo inimaginável que tentamos decifrar. À Isabella, Letícia, Luiza, Elisa, Mayara, Rudgere, Mariana, Bárbara, Isabela e todos meus amigos e amigas, aos quais me faltam palavras para agradecer a alegria e o privilégio de poder dividir minha história. E ao Reverso esporte, minha eterna casa.

Por fim, agradeço à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, graças à qual tive a possibilidade de vivenciar um pouco do universo profissional, por meio dos quatro estágios que realizei ao longo desses seis anos e meio, por ser minha grande fonte de aprendizado e conhecimento. À UnBTV, que me forneceu as ferramentas necessárias para o início da minha capacitação profissional. E à Universidade de Brasília, como um todo, por possibilitar incontáveis experiências acadêmicas, comunitárias e artísticas, sendo a principal responsável pela formação da minha consciência social. Que a UnB, e todas as outras universidades federais do país, possam ser preservadas e modernizadas, garantindo o mesmo ensino de qualidade ao qual tive acesso a outros milhares de estudantes Brasil a fora.

*“Darling, I want my gay rights now!”*

Marsha P. Johnson

## RESUMO

O presente trabalho consiste no memorial do documentário em curta metragem *ambulaTório*, que trata da formação e do funcionamento do Ambulatório de Atenção Especializada às Pessoas Travestis e Transexuais do Distrito Federal, bem como dos desafios diários que enfrentam os profissionais envolvidos e da importância desse espaço para a promoção da saúde e o desenvolvimento social de pessoas transgêneras de todas as regiões do DF e Entorno, buscando, assim, divulgar a existência do serviço em questão e defender o aprimoramento e a manutenção dessa política pública.

**Palavras chaves:** “Ambulatório Trans”, “transexualidade”, “documentário”, “política pública”, “saúde”, “inclusão”, “diversidade”.

## **ABSTRACT**

The present work consists in a memorial description of a short film documentary, *ambulaTorio*, which deals with the implementation and functioning of the Ambulatory of Transsexuality of the Federal District, as well as the daily challenges faced by its professionals and the importance of this space for the promotion of health and social development of transgender people from all around the DF, intending to spread the existence of this service and defend its improvement and maintenance.

**Keywords:** “transsecuality”, “documentary”, “public policy”, “health”, “inclusion”, “diversity”.



## SUMÁRIO

<b>1. Apresentação.....</b>	<b>9</b>
<b>2. A pergunta do filme.....</b>	<b>11</b>
<b>3. Objetivos.....</b>	<b>11</b>
<b>3.1. Objetivo geral.....</b>	<b>11</b>
<b>3.2. Objetivos específicos.....</b>	<b>11</b>
<b>4. Justificativa.....</b>	<b>12</b>
<b>5. A linguagem documental.....</b>	<b>13</b>
<b>6. Transexualidade e patologização das identidades trans.....</b>	<b>18</b>
<b>7. Metodologia.....</b>	<b>22</b>
<b>7.1. Pré Produção.....</b>	<b>22</b>
<b>7.1.1. Descobrindo o Ambulatório.....</b>	<b>22</b>
<b>7.1.2. Formando a equipe.....</b>	<b>23</b>
<b>7.1.3. Estruturando o documentário.....</b>	<b>25</b>
<b>7.2. Produção.....</b>	<b>27</b>
<b>7.3. Pós produção.....</b>	<b>28</b>
<b>8. Considerações finais.....</b>	<b>32</b>
<b>Referências .....</b>	<b>33</b>
<b>Referências audiovisuais.....</b>	<b>34</b>
<b>Apêndice A - Cronograma.....</b>	<b>35</b>
<b>Apêndice B - Orçamento.....</b>	<b>36</b>
<b>Apêndice C - Roteiro de perguntas.....</b>	<b>37</b>

## **1. APRESENTAÇÃO**

Em agosto de 2017 foi inaugurado o primeiro e, até o momento, único Ambulatório de Atenção Especializada às Pessoas Travestis e Transexuais do Distrito Federal. O Ambulatório Trans, como é conhecido o serviço, conta com profissionais cedidos de diversas unidades da Secretaria de Saúde do Distrito Federal que atuam, entre 5 e 20 horas semanais, em seis áreas distintas: endocrinologia, enfermagem, medicina da família, psicologia, psiquiatria, serviço social e terapia ocupacional, além de uma fonoaudióloga voluntária que integra a equipe a partir de julho de 2019. Foram atendidas, até abril de 2019, mais de quatrocentas pessoas do DF e Entorno, com idades entre 18 e 67 anos, que se encontram em processo de transição.

Este memorial tem por finalidade registrar o processo de concepção, criação e finalização de um documentário em curta metragem sobre o Ambulatório Trans do DF. Foram entrevistadas sete pessoas, entre servidores e usuários, na tentativa de entender a dinâmica do serviço e, assim, divulgá-lo para que mais pessoas interessadas possam acessá-lo, bem como defender a necessidade da formulação e implementação de políticas públicas direcionadas à comunidade LGBT e, em especial, à população trans.

É importante destacar que esse projeto experimental parte da minha relação pessoal, ainda que indiretamente, com o Ambulatório Trans, uma vez que minha mãe, Leonor de Lannoy, foi uma das responsáveis pela implementação dessa política no Distrito Federal e é, atualmente, a coordenadora do serviço. Há mais de dois anos venho acompanhando, com alguma distância, os desafios e as emoções que envolvem um trabalho tão necessário e, ao mesmo tempo, provocador como são todos os esforços para alcançar uma sociedade menos violenta e mais igualitária.

Outra questão que motivou meu interesse pelo tema diz respeito ao lugar que ocupo na sociedade enquanto mulher LGBT. Ainda que não seja uma pessoa transexual, me entendo enquanto parte das minorias sociais e, por isso, acredito que

a luta por respeito e igualdade deve se dar coletivamente. Como membro da comunidade LGBT, conheço as dores e angústias de viver em um país extremamente homofóbico e transfóbico e devo a isso minha imensa empatia às pessoas trans, sem, por isso, ignorar as diferenças e particularidades existentes dentro de nossa comunidade, mas optando, sempre, por memorar nossas semelhanças

É com imenso orgulho que compartilho, com quem possa interessar, a trajetória de produção desse trabalho de conclusão de curso. Espero que, assistindo ao filme ou lendo este memorial, mais pessoas se solidarizem com a realidade trans e passem a compor o movimento global em defesa dos direitos humanos e da diversidade.

## **2. A PERGUNTA DO FILME**

Como o serviço prestado no Ambulatório de Atenção Especializada às Pessoas Travestis e Transexuais do Distrito Federal impacta a saúde de pessoas transgêneras no DF e entorno?

## **3. OBJETIVOS**

### **3.1 Objetivo geral**

Entender o impacto que o trabalho realizado no Ambulatório de Atenção Especializada às Pessoas Travestis e Transexuais do Distrito Federal causa na vida de pessoas transgêneras e divulgar a existência desse espaço.

### **3.2 Objetivos específicos:**

- I. Entender como o acompanhamento multidisciplinar interfere no bem-estar físico, mental e social de pessoas transgêneras;
- II. Entender quais os principais desafios logísticos, políticos e administrativos que dificultam a realização dos serviços prestados no Ambulatório Trans;
- III. Realizar um documentário em curta metragem cuja equipe seja majoritariamente feminina e/ou LGBT.

#### 4. JUSTIFICATIVA

Segundo a Organização Não Governamental Transgender Europe, fundada em 2005 e com sede na Suécia, o Brasil matou, ao menos, 868 pessoas transgêneras entre 2008 e 2016, o que nos coloca em primeiro lugar no ranking mundial de países que mais matam pessoas trans. De acordo com um relatório divulgado em janeiro deste ano pela Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), em 2018, 163 pessoas trans foram assassinadas no país — 53% delas pelo uso de armas de fogo. Ainda segundo o levantamento, oito em cada dez desses assassinatos apresentaram traços de crueldade, como esquartejamento, asfixia e uso excessivo de violência. Foram registrados mais de dez casos de execução direta, com 6 a 26 tiros.

No país que mais mata transgêneros no mundo, justiça, igualdade e respeito às diferenças estão constantemente na pauta de movimentos sociais e grupos para elaboração de políticas públicas, mas ainda dividem espaço com temas básicos, como saúde, educação e segurança. A Organização das Nações Unidas no Brasil publicou, em janeiro de 2019, um guia de acesso a direitos e serviços para pessoas trans, o Páginas Trans, orientando os estados brasileiros a adotarem “leis e políticas antidiscriminação compreensivas, que proíbam a discriminação com base em identidade de gênero e expressão de gênero” e garantir o acesso a serviços de saúde, “incluindo serviços de redesignação de gênero para pessoas trans, sem estigma, discriminação ou requisitos abusivos” (ONU, 2019), dentre outras nove recomendações que envolvem questões de respeito e reconhecimento de identidades de gênero e crimes contra travestis e transexuais, traduzindo um pouco do cenário arcaico que encontramos no país em se tratando de direitos da população LGBT, especialmente pessoas trans.

O Ambulatório de Atenção Especializada às Pessoas Travestis e Transexuais do Distrito Federal surge, em 2017, nesse contexto de violência, violação de direitos e extrema vulnerabilidade social de travestis, homens e mulheres trans e outras pessoas cujas identidades de gênero fogem do binarismo “feminino ou masculino”. O trabalho realizado no Ambulatório Trans tem por objetivo proporcionar à população

trans do DF o acesso a saúde integral em todo seu processo de transição, por meio de serviços de psiquiatria, endocrinologia, ginecologia, acompanhamento psicológico e sócio assistencial, dentre outros, dispondo, para isso, de profissionais aptos a realizarem abordagens respeitadas, reconhecendo as inúmeras possibilidades de expressão de gênero e seguindo uma visão despatologizadora da transgeneridade.

Assim, tendo em vista o cenário assombroso com o qual se deparam travestis e transexuais no Brasil, e entendendo o bem-estar físico, mental e social como elemento primordial para o desenvolvimento humano em qualquer esfera, acredito que políticas públicas como a implementação de um ambulatório de atenção especializada fazem-se essenciais, devendo ser apoiadas não apenas pelo público aos quais se destinam, mas por toda a sociedade. Dessa forma, proponho a realização de um documentário em curta metragem sobre os serviços prestados pelo Ambulatório Trans como projeto de conclusão de curso, a fim de divulgar a existência desse espaço e promover o aperfeiçoamento dessa e de outras políticas de saúde para a população trans.

## **5. A LINGUAGEM DOCUMENTAL**

O documentário é a linguagem audiovisual com a qual mais me identifico. Vejo na decisão de retratar a realidade um imenso potencial de transformação social — razão principal da minha escolha pela graduação em Comunicação. Das várias formas e razões existentes para se fazer documentário, o caráter informativo presente em alguns tipos de documentários, apesar de menos poético, me desperta grande interesse enquanto comunicadora. Esse apreço especial por narrativas documentais cujo objetivo principal é apresentar, de modo, por vezes, bastante direto, um fato ou personagem real, sejam elas em longas-metragens, curtas, séries ou vídeos, de maneira geral, me causa grande inquietação e um certo desconforto enquanto estudante de Audiovisual. Afinal, sendo esse meu maior interesse, não deveria eu ter me dedicado a outra área, como, por exemplo, o jornalismo? Quais as escolhas substanciais para o desenvolvimento de um documentário? Quais as

possibilidades de estética e narração? O quão próximo, ou longe, está o documentário da ficção? Essas são algumas das perguntas que motivaram, e ainda motivam, minha curiosidade pelo cinema documental.

Fernão Pessoa Ramos, em seu livro “Mas afinal... o que é mesmo documentário?” lembra que, apesar de os limites entre ficção e documentário não apresentarem definições precisas, como conceitos científicos, e ainda que a rotulação possa gerar incômodo e discordância por parte de alguns cineastas, certas características são particulares e estão consolidadas em um ou outro gênero, e tais definições se fazem necessárias para fins de análises e estudos. De acordo com o autor, as afirmações feitas por filmes fictícios e documentais, ainda que tratem do mesmo tema e no mesmo tempo, se diferem em forma e público às quais se dirigem, uma vez que o espectador, na maior parte dos casos, assiste à obra sabendo, previamente, a qual tipo de narrativa estará sujeito (RAMOS, 2008).

O teórico norte-americano Bill Nichols, pioneiro nos estudos contemporâneos sobre documentário, defende que as diferenças entre cinema de ficção e cinema documentário não são, de fato, totalmente precisas e que tal rigidez de conceitos não é essencial, dada a expansão ocorrida com o gênero nas últimas décadas. Para ele, o “mais importante é a maneira como cada filme que consideramos ser um documentário contribui para um diálogo contínuo, recorrendo a características comuns e assumindo forma nova e distinta” (NICHOLS, 2016, p. 30). Ainda assim, o autor propõe três suposições para guiar tal discussão: documentários tratam de algo que aconteceu; documentários tratam de pessoas reais; documentários contam histórias sobre o que aconteceu no mundo real.

De acordo com Nichols, os documentários “honram os fatos conhecidos; não introduzem fatos novos, não comprováveis. Falam sobre o mundo histórico diretamente, não alegoricamente” (NICHOLS, 2016, p. 31) e as imagens e muitos dos sons dos quais fazem uso são parte do mundo real que está sendo capturado, assim como as pessoas e os acontecimentos registrados geralmente são. No entanto, afirmar que “as pessoas do documentário são reais” não é, para o autor, argumento suficientemente forte para apontar divergências quanto ao filme ficcional,

já que os personagens da ficção são interpretados por atores e atrizes reais capazes, inclusive, de persuadir o espectador a assistir a obra pelo simples peso de suas participações. A diferença, então, reside no fato de, nos documentários, as pessoas apenas apresentarem a si mesmas, sem desempenhar papéis. Quanto às histórias contadas, “os documentários nos fala, da maneira como as coisas mudam e de quem produz essas mudanças” (NICHOLS, 2016, p. 34), sendo, assim, uma exibição, ao menos, plausível da realidade, ainda que sob o olhar do cineasta — ponto que retomaremos logo à frente.

Podemos caracterizar o documentário como uma “narrativa que possui vozes diversas que falam do mundo, ou de si” (RAMOS, 2008, p. 24). Segundo Ramos, ainda que o estilo das proposições do documentário varie conforme o contexto histórico nas quais são elaboradas, sempre haverá uma voz indicando as asserções. No entanto, ainda que essa possa ser uma das características estáveis que perpassa a memória do cinema documental, a presença da voz reforça o caráter mutável do gênero, uma vez que progride da voz over, presente no cinema clássico, para os diálogos constantes do cinema direto, chegando, no cinema contemporâneo, a uma mistura de voz, muitas delas motivadas pelo próprio diretor em entrevistas e depoimentos:

No documentário contemporâneo clássico [...] as vozes aparecem misturadas na maneira de postular. A voz do saber, em sua nova forma, perde a exclusividade da modalidade over. Ainda temos depoimentos de especialistas, diálogos, filmes de arquivo (flexionados para enunciar as asserções de que a narrativa necessita). (RAMOS, 2008, pg. 24)

Um conceito menos literal a respeito da voz do documentário é apresentado por Bill Nichols em seu livro “*Introdução ao documentário*”. Para ele, a “voz” de um filme é, além das palavras faladas, o discurso, por meio de som e imagem, que se faz do mundo retratado, e está diretamente associada à interpretação do cineasta sobre essa realidade:

Quando um documentário “fala sobre” alguma coisa, quando “nós falamos de alguma coisa para você”, por exemplo, o filme fala através da



composição de planos, da edição de imagens e do uso da música, entre outras coisas. Tudo o que vemos e ouvimos representa não só o mundo histórico, mas também a maneira como o criador do filme quer falar sobre esse mundo. (NICHOLS, 2016, p. 85)

Segundo Nichols, o documentário “não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos” (NICHOLS, 2016, p. 36), trazendo, naturalmente, uma visão de mundo por parte de quem o conduz, inviabilizando seu entendimento enquanto documento, livre de subjetividade. A distinção entre ficção e documentário está, para ele, justamente na diferença entre o nível de fidelidade do filme aos acontecimentos e pessoas reais e o quanto a história contada é resultado da criação do artista por detrás. Por outro lado, a voz do cineasta está presente em todas as decisões técnicas, estéticas e narrativas do filme, e é um esforço de traduzir seu olhar sobre a história contada, a partir do seu próprio envolvimento com o tema, a fim de, ainda que inconscientemente, seduzir o espectador:

A voz do documentário pode fazer alegações, propor perspectivas e evocar sentimentos. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer pela força de seu ponto de vista e pelo poder de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de cada filme expressar sua maneira de ver o mundo. (NICHOLS, 2016, p. 86)

A respeito das formas de se fazer documentário e de sua relação com o jornalismo (questões que, como mencionado anteriormente, guiaram minha trajetória até aqui), percebo que os limites do que é e de como deve ser construído um documentário são, de fato, muito imprecisos. Fernão Ramos explica que, originalmente, os documentários surgiram, na Inglaterra dos anos 1930, como alternativas de comunicação institucional do Estado, um viés similar ao da publicidade. Nas primeiras décadas de sua existência, o documentário apresentou um forte caráter missionário, destinando-se, por encaminhamento do Estado, a “educar as massas para a democracia liberal e o voto universal” (RAMOS, 2008, p. 56), surgindo em um contexto de novas tecnologias de comunicação de massa. No entanto, apesar das inegáveis características informativas, o documentário

apresenta um claro viés autoral, normalmente inexistente ou negado pela reportagem jornalística, e, principalmente, é concebido sob uma lógica discursiva própria, a narrativa:

E qual é a unidade narrativa do documentário? Algo muito próximo daquela que chamamos filme: uma unidade narrativa enunciada numa duração temporal variável, mas una, sendo veiculada ao espectador enquanto unidade. O documentário, portanto, é um filme no modo que possui de veicular suas asserções e no modo pelo qual as asserções articulam-se enquanto narrativa com começo e fim em si mesma. (RAMOS, 2008, pg. 58)

Ainda em uma tentativa de definir o sentido do meu projeto enquanto documentário, me arrisquei a tentar definir qual, ou quais, tipos de narrativa melhor se adequaria à proposta. Bill Nichols indica duas maneiras principais para classificar os documentários: modelos de não ficção preexistentes, onde parte-se de uma ou várias formas de discurso independentes e em processo de evolução, como o diário e a biografia; e modos cinematográficos distintos, onde “os documentários selecionam e organizam sons e imagens de maneiras diferentes, usando técnicas e convenções especificamente cinematográficas” (NICHOLS, 2016, p.158). Das mais de quinze proposições encontradas em *Introdução ao Documentário*, as que mais se aproximam da proposta de ambulaTório são os modelos de Defesa/Promoção de uma causa, que reforça provas e exemplos convincentes e comoventes e encoraja a adoção de um ponto de vista específico, e de Testemunho, que “reúne histórias orais ou testemunhas que recontem experiências pessoais” (NICHOLS, 2016, p. 160). A mistura de dois ou mais modos, de acordo com Nichols, simboliza, justamente, a aspiração do cineasta por um aspecto fluido, buscando, por meio de convenções e técnicas, criar estilo, voz e resultado distintos.

## 6. TRANSEXUALIDADE E PATOLOGIZAÇÃO DAS IDENTIDADES TRANS

Para compreender melhor a condição trans e a realidade enfrentada por pessoas transgêneras ao procurarem serviços de saúde diversos, escolhi duas autoras que se destacam nos estudos referentes a transexualidade, patologização e saúde pública: Tatiana Lionço, doutora pelo Anis: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero e professora da Universidade de Brasília - UnB, e Daniela Murta, pesquisadora e doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ. Destaco também o nome de Márcia Arán, doutora pelo Departamento de Políticas e Instituições de Saúde do Instituto de Medicina Social da UERJ, responsável pela concepção e escrita, ao lado de Tatiana Lionço e Daniela Murta, do artigo Transexualidade e Saúde Pública no Brasil, que guia boa parte das asserções aqui dispostas. Vale ressaltar que o foco dessa bibliografia sobre transexualidade é no sentido de entender a necessidade de políticas públicas voltadas à saúde de pessoas trans, e a busca por despatologização de suas identidades — temas centrais do produto final do qual esse memorial trata.

Para debater essas questões, no entanto, é preciso entender o contexto histórico do “surgimento” da transexualidade. De acordo com Murta, os interesses médicos acerca do tema começaram a surgir no fim do século XIX e início do século XX, mas foi uma cirurgia de transgenitalização realizada em 1952, na Dinamarca, pelo médico Christian Hamburger o pontapé para as discussões sobre o conceito de sexo, feminino e masculino, e as possíveis consequências de modificá-lo, e fomentou a elaboração das primeiras teorias sobre a transexualidade. Começava aí a relação entre a medicalização da condição trans e o acesso a procedimentos cirúrgicos característicos, restringindo as modificações corporais de pessoas transgêneras a uma condição de diagnóstico médico:

A viabilidade técnica para redesignação sexual associada à necessidade de normatizar o acesso a estes procedimentos, tornou a vivência transexual uma questão médica sendo fundamental defini-la de forma precisa. Estabelecer os parâmetros de sua assistência culminou na patologização desta experiência e no condicionamento da realização das intervenções corporais a uma avaliação diagnóstica (MURTA, 2014, p. 68).

Ainda contextualizando esse período inicial da transexualidade na ciência, antes de nos aprofundarmos na questão da patologização, Daniela Murta explica que o surgimento de novas áreas da medicina no século XX, em especial a endocrinologia e a cirurgia plástica, foram fundamentais não apenas para o desenvolvimento de técnicas de transformação física, mas para o avanço de estudos a respeito do corpo humano, a influência dos hormônios em nosso fenótipo e as semelhanças e diferenças entre sexo feminino e masculino. Ainda que, inicialmente, as discussões sobre “transexualismo”, como eram chamadas as discordâncias de identidade, alegassem um defeito na formação sexual do indivíduo, na década de 1950 já se debatia o caráter psicológico da transexualidade e a percepção de gênero para além dos órgãos sexuais:

Definido como uma variação do gênero, cuja característica principal seria o desejo de modificação do sexo, esta condição foi descrita como uma discordância entre o sexo físico e identidade de gênero na qual seria necessário reestabelecer este alinhamento. Assim, para a definição do que deveria ser alterado - o corpo ou a mente - o foco da discussão se modificou: sai de cena o sexo biológico e o conceito de gênero se apresenta como uma nova referência para pensar o sexo (MURTA, 2014, p. 74).

O Conselho Federal de Medicina (CFM) autorizou a realização de cirurgias de transgenitalização em 1997, por meio da resolução nº 1.482/97, entendendo que “o paciente transexual é portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual, com rejeição do fenótipo e tendência à automutilação ou auto-extermínio”. Os critérios básicos para a definição de transexualismo estabelecido pelo CFM dizem respeito, em sua totalidade, ao desconforto por parte do indivíduo em relação à genitália e às demais características sexuais, primárias e secundárias, desconsiderando a subjetividade em torno da construção de gênero na transexualidade (ARÁN; LIONÇO; MURTA, 2009).

Compreender a diversidade de identidades concebíveis na transexualidade, ultrapassando os parâmetros estabelecidos pela heteronormatividade e o binarismo

de gênero é indispensável na defesa das garantias sociais de pessoas que tem, por razão de sua expressão de gênero e/ou orientação sexual, seus direitos violentados (LIONÇO, 2009). De acordo com a autora, a noção de transexualismo nega essa pluralidade, desconsiderando, por exemplo, a possibilidade do indivíduo não se reconhecer enquanto ser masculino ou feminino, ou, ainda, se identificar, simultaneamente, com ambos os gêneros, uma vez que:

transexuais e travestis são sujeitos que se constituem identitariamente como indivíduos pertencentes a um gênero que não corresponde linearmente ao sexo de nascimento, sendo a diferença fundamental o fato de as travestis sustentarem uma ambigüidade ou duplicidade sexual na própria constituição identitária (LIONÇO, 2008, p. 54).

Em junho de 2018, a Organização Mundial da Saúde retirou a transexualidade da lista de doenças mentais do Código Internacional de Doenças (CID-11), passando a considerá-la apenas como uma condição relativa à saúde sexual. A medida, há anos reivindicada pela população trans, caminha no sentido de combater o estigma social enfrentado por travestis e transexuais, contrariando o vínculo compulsório entre transtorno de identidade de gênero e adoecimento mental. É preciso reconhecer, no entanto, que a transexualidade pode ser “uma condição de intenso sofrimento psíquico que se apresenta de diversas formas” (MURTA, 200, p. 71) e, nesse sentido, o acompanhamento médico e psicológico é crucial para a constituição e manutenção do bem estar físico, psíquico e social de pessoas transgêneras.

A discussão sobre a patologização da transexualidade traz duas diretrizes conflitantes. O diagnóstico de transtorno de identidade de gênero (TIG) torna possível o acesso a tratamentos hormonais e cirurgias de redesignação sexual, por exemplo, assistindo o exercício da cidadania e a promoção da saúde de transgêneros. Por outro lado, essa psiquiatrização desconsidera questões históricas, políticas e subjetivas que possam motivar o desenvolvimento de identidades trans (ARÁN; LIONÇO; MURTA, 2009). A manifestação social da transexualidade não

precisa estar imediatamente espremida em uma fórmula ou estrutura específica, tão pouco traduz prontamente uma patologia:

A experiência transexual, neste sentido, comportaria várias formas singulares de subjetivação. Além disso, [...] não existe um processo específico de construção das identidades de gênero nos transexuais e desta forma não se deve esperar de transexuais um comportamento fixo, rígido, adequado às normas de feminilidade ou de masculinidade (ARÁN; LIONÇO; MURTA, 2009, p. 1147).

Impulsionado pela presença de movimentos sociais no comitê técnico para a formulação da proposta de Política Nacional de Saúde da População LGBT e a participação social na administração de tais políticas no início dos anos 2000, o Ministério da Saúde começou, em fevereiro de 2006, as articulações para a formulação do Processo Transexualizador no SUS, com o objetivo de estabelecer os procedimentos necessários para o acompanhamento do transtorno de identidade de gênero pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (ARÁN; LIONÇO; MURTA, 2009). Avaliação e acompanhamento psiquiátrico, psicoterapia individual e em grupo, hormonioterapia, avaliação genética e tratamento cirúrgico tornam-se, então, direito das pessoas transexuais, devendo ser ofertados gratuitamente na rede pública de saúde.

No entanto, a associação da transexualidade à necessidade de transformação corporal permanente, e a condição de diagnóstico do transexualismo para o acesso ao acompanhamento médico de especialidade exclui os indivíduos que não se adequem à normatização de gênero masculino e feminino, como é o caso das travestis, conforme afirma Lionço:

Como as travestis não demandam essa correção, reafirmando a insuficiência da lógica binária em dar conta das experiências subjetivas de posicionamento diante da diferença sexual, são excluídas do acesso aos serviços e aos recursos médicos em seus processos de transformação corporais, não dispondo de iguais oportunidades no acesso aos serviços e tecnologias disponíveis no campo médico (LIONÇO, 2009, p. 54).

Ainda que o Processo Transexualizador seja uma política importante e viabilize estratégias de atenção à saúde e cuidado de pessoas trans e, conseqüentemente, contribua para a inclusão de transgêneros e o enfrentamento à discriminação, é importante lembrar que a proposta de cuidado integral, que sugere o SUS, continua sem se cumprir, uma vez que o sistema, de maneira geral, permanece despreparado para atender às demandas diversas da população trans, que permanece excluída, em diversos aspectos, e tendo seus direitos limitados à qualificação de alguns poucos profissionais, de área específicas:

por mais que a normatização desse processo tenha sido um ganho desse segmento populacional, não responde à questão da precariedade do acesso ao sistema de saúde quando se considera que a porta de entrada do mesmo deve ser prioritariamente a atenção básica, já que seria antagônico ao princípio da universalidade do SUS o estabelecimento de nichos diferenciados para a atenção a um determinado grupo social, em diferenciação ou discriminação em relação aos demais (LIONÇO, 2009, p. 44).

## **7. METODOLOGIA**

### **7.1. PRÉ PRODUÇÃO**

#### **7.1.1 Descobrindo o Ambulatório**

Minha relação com o ambulatório começou à distância. Em 2017, quando estava fora para um intercâmbio acadêmico, minha mãe, Leonor de Lannoy foi chamada para integrar o grupo de trabalho que desenvolveria, junto ao Ministério da Saúde, Secretaria de Saúde do Distrito Federal e representantes da Sociedade Civil Organizada, o projeto de implementação do primeiro Ambulatório de Atenção Especializada às Pessoas Travestis e Transexuais do Distrito Federal, a ser inaugurado em agosto do mesmo ano. Minha mãe assumiu a coordenação do ambulatório e, a partir daí, passei a escutar muito a acompanhar sua satisfação em fazer parte desse projeto e sua visão sobre os desafios que ele representa.

Em dezembro de 2017, percebendo que, fora dali, pouco se sabe sobre a necessidade de um serviço tão especializado existir no SUS, decidi realizar esse documentário como projeto final. Começou, então, um longo período de acompanhamento das atividades realizadas pelo Ambulatório, aprendizado sobre questões pertinentes à população trans e aprofundamento em algumas temáticas específicas, como: representatividade, diversidade, lugar de fala, educação, empregabilidade e, claro, saúde.

Ao longo de 2018 participei de atividades organizadas em função do Dia da Visibilidade Trans, comemorado nacionalmente em 29 de janeiro; da cerimônia de entrega do Prêmio Beijo Livre, onde o Ambulatório Trans foi vencedor na categoria Saúde; e do evento em comemoração ao primeiro ano de funcionamento do ambulatório. Paralelamente, procurei assistir a maior quantidade de filmes e séries, documentais ou não, que tivessem como tema principal a transexualidade, e comecei a acompanhar alguns canais no YouTube que tratam dessa realidade. Como principais referências, cito a série de documentários Liberdade de Gênero, da GNT, que me deu a dimensão do universo de possibilidades de identidades de gênero existentes, e os canais do Lucca Najar no YouTube, sobre ser um homem transexual, e Rosa Luz Do Barraco da Rosa, travesti nascida no Gama, DF, que conheci através de seu EP de Rap, lançado alguns anos atrás. Rosa Luz estudou na Universidade de Brasília e hoje mora em São Paulo, vivendo como artista, e foi uma das minhas primeiras referências culturais de transgêneros. Comecei, também, a traçar o caminho do meu referencial teórico, tendo o nome da pesquisadora e professora da UnB, Tatiana Lionço, como guia primária.

#### 7.1.2. Formando a equipe

Desde que decidi realizar um produto como projeto final de graduação a representatividade dentro da equipe passou a ser uma questão. Por maiores que sejam os avanços nesse tema, o meio Audiovisual ainda é reflexo de inúmeros preconceitos enraizados na sociedade. O levantamento da Agência Nacional de



Cinema (Ancine) “Diversidade de gênero e raça nos lançamentos brasileiros de 2016”, baseado nos 142 longas metragens brasileiros lançados comercialmente naquele ano, revela uma proporção menor do que 20% de mulheres na direção de filmes nacionais — número ainda mais alarmante quando analisamos outras áreas “chave” do cinema, como a direção de fotografia: apenas 7,7%. Recentemente a Ancine divulgou um estudo sobre os projetos inscritos no Fundo Setorial Audiovisual, disponível no OCA - Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual, constatando um aumento da quantidade de mulheres diretoras nas propostas submetidas ao Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), mas que são 25,7% dos filmes candidatados. Por essas razões, uma decisão que circundou esse projeto experimental, desde o seu início, foi a de priorizar a participação de mulheres na equipe.

Quando optei por falar sobre o Ambulatório Trans, senti a necessidade de formar um grupo com maior representatividade LGBT. Os funcionários do Ambulatório entrevistados são, na sua totalidade, pessoas cisgêneras, de maioria heterossexual e, ainda que o documentário conte com a participação de três pessoas transgêneras, achei fundamental trazer para o filme a participação de outras pessoas da comunidade LGBT, que contribuíssem também com as decisões estéticas do produto. Assim, em fevereiro de 2019 fechamos uma equipe majoritariamente feminina e LGBT. Realizam o filme: eu, Júlia de Lannoy, como diretora e produtora, Elisa Souza e Ana Luísa Menezes, como diretoras de fotografia, Gabriel Pimentel, como técnico e editor de Som, Stephany Rodrigues, como assistente de produção, Bruna Tavares, como editora e Aleson Estevam, como colorista e responsável pela identidade visual. Importante ressaltar que, por se tratar de um projeto experimental, sem nenhum tipo de patrocínio ou apoio financeiro, o grupo foi formado de maneira totalmente voluntária, sem nenhuma forma de remuneração financeira.

### 7.1.3. Estruturando o documentário

Desde sua concepção, *ambulaTório* se propunha a ser um documentário informativo. Percebendo que, para além de questões culturais como a Transfobia e LGBTfobia e seu reflexo no despreparo de profissionais de saúde para lidar com a população LGBT, a falta de informação provoca o afastamento ou total exclusão de pessoas transgêneras do Sistema Único de Saúde, vi nesse projeto a possibilidade de divulgar um espaço de grande relevância para as pessoas trans do DF e, possivelmente, contribuir para que o Ambulatório alcance um público mais abrangente. Assim, o curta foi estruturado em uma série de depoimentos que, juntos, tentam descrever o trabalho realizado no Hospital Dia, contextualizando o surgimento do Ambulatório Trans, apresentando os principais serviços ofertados e compartilhando os desafios que envolvem a implementação e o aperfeiçoamento de uma política pública tão específica.

No Ambulatório de Atenção Especializada a Pessoas Travestis e Transsexuais do DF é possível ter acesso a consultas e atendimento nas especialidades de: psicologia, psiquiatria, endocrinologia, serviço social, enfermagem, terapia ocupacional e fonoaudiologia; atividades em grupo, tais como: grupos psicoterapêuticos, grupos de familiares e amigos, hatha yoga e grupos temáticos. Dada a diversidade de profissionais envolvidos no serviço, acabei optando por entrevistar a assistente social, Lusa Portugal, o médico de família, Luís Fernando Marques, o psicólogo, André Peredo, e a psiquiatra, Jussane Mendonça e, assim, tentar traçar a trajetória percorrida pelos usuários do Ambulatório desde o primeiro contato com o serviço, na tentativa de entender de que forma se dá o acompanhamento ofertado e os motivos que levam algumas dessas pessoas a deixarem de frequentar o espaço.

Decidida a estrutura básica do documentário, comecei a pensar de que maneira poderia tornar meu produto um pouco mais humanizado e dar o devido espaço aos personagens dos quais estava falando: pessoas transgêneras. A primeira entrevistada foi facilmente encontrada. Lucci Laporta é formada em Serviço Social pela UnB e esteve à frente de movimentos sociais e políticos da universidade

por vários anos. Conheci-a em 2016 nas movimentações em torno do processo de ocupação do Campus Darcy Ribeiro pelos estudantes que protestavam contra o Impeachment da presidente Dilma Rousseff, mas não estabelecemos nenhum tipo de contato na época. Quando decidi realizar um filme sobre pessoas trans no DF, a Lucci me veio a cabeça de imediato pelas lembranças de sua militância política — e por saber, através de minha mãe, que ela era usuária frequente do ambulatório. Nos conhecemos oficialmente em janeiro de 2019, quando nos encontramos para conversar um pouco sobre meu projeto de TCC. As dúvidas e os receios quanto à realização de um documentário cujo tema não me diz respeito diretamente, foram amenizados com essa conversa, e a imediata e amigável disponibilidade da Lucci em ser entrevistada para as gravações me fizeram acreditar na necessidade do filme que pretendia criar.

O Adam Victor e o Igor Crepaldi foram indicações da própria Lucci quando perguntei por outras pessoas trans que poderiam concordar em dar seus depoimentos sobre o Ambulatório Trans. O primeiro topou logo de cara, enquanto o segundo, inicialmente, recusou o convite. Nesse período de escolha dos personagens, procurei entrar em contato com várias pessoas transgêneras por meio, principalmente, de redes sociais. A grande maioria foi bastante receptiva à idéia do documentário, se dispondo a ajudar de diversas formas, enquanto alguns poucos nem retornaram as mensagens enviadas. O Igor, apesar de receoso em ser gravado falando de um assunto que, para ele, ainda é bastante difícil, se dispôs a me conhecer e conversar um pouco a respeito. Nos encontramos na casa de uma amiga dele, onde ele está morando temporariamente, e passamos uma tarde inteira conversando sobre diversos assuntos, incluindo os desafios enfrentados diariamente por LGBTs, nossas trajetórias pessoais em busca de autoconhecimento e, principalmente, a importância de encontrar espaços de acolhimento e compartilhamento de vivência. Semanas depois, a casinha nos fundos de quintal no Setor Habitacional Tororó se tornaria um dos principais sets de filmagem do filme.

Definidas equipe e personagens, eu e a Elisa Souza, fotógrafa, trocamos algumas referências e discutimos a estética básica do documentário: câmera

parada, cor neutra e tom de imparcialidade. Se desconsiderarmos o período de preparação pessoal para a realização do documentário (leituras, vivências, conversas e consumo de produtos audiovisuais), a fase de pré produção durou, na prática, cerca de dois meses. No início de abril fechamos o calendário e nos preparamos para filmar sete diárias durante quatro semanas.

## **7.2. PRODUÇÃO**

No início de abril fechamos o calendário e nos preparamos para filmar sete diárias durante três semanas. Por serem relativamente simples, os sets duraram, em média, 3 horas e meia, o que favoreceu a disponibilidade da equipe e as despesas com alimentação. Enquanto eu, por questão de proximidade, fiquei responsável por entrar em contato com os entrevistados e marcar as gravações, a Stephany Rodrigues, produtora e jornalista recentemente formada pela Universidade Federal do Maranhão, se encarregou de providenciar as Ordens do Dia e organizar a logística do set, como equipamentos e comidas, além de providenciar as autorizações de uso de imagem. De maneira geral, as gravações foram bastante tranquilas, sem grandes sustos ou imprevistos, fato que eu atribuo, principalmente, à conexão forte e natural que se deu entre os membros da equipe — ainda que uns não conhecessem os outros.

A maior surpresa foi, sem dúvida, a filmagem com o Adam. De todos os sete entrevistados, ele era o único com o qual eu nunca havia encontrado pessoalmente. De fato, só nós conhecemos de verdade no dia da gravação, no bar Carijó, no Guará, onde o Adam trabalha e mora. Enquanto as entrevistas com os servidores do ambulatório foram guiadas por um roteiro de perguntas previamente elaborado e enviado, nas filmagens com os usuários do serviço optei por chegar menos armada, na tentativa de tornar a conversa mais natural e dinâmica. No entanto, além de não conhecer o personagem que iríamos encontrar, esse foi o primeiro dos sets com os usuários do serviço, o que trazia um clima de curiosidade e apreensão quanto ao desenrolar do bate-papo.

Entrevistar alguém com o qual não tinha nenhuma intimidade sobre assuntos tão pessoais, em uma temática delicada como é a visibilidade de qualquer minoria social, foi uma das grandes experiências que tive nesse projeto experimental. O Adam se mostrou alguém totalmente disposto a dialogar e compartilhar sua realidade, ainda que um pouco reservado quanto aos seus sentimentos. Sua história surpreende tanto pela maneira tranquila e cheia de certeza com a qual ele, que tem apenas 21 anos, leva a vida, quanto por fugir quase que completamente do estereótipo dramático da pessoa trans, marginalizada e violentada. Em contraste com os depoimentos da Lucci e do Igor, mais carregados de consciência social e luta política, a fala do Adam trouxe um tom de leveza, sem perder a seriedade, que, acredito, aproxima o espectador da história.

Voltando aos aspectos técnicos da fase de produção, tive a felicidade de contar com colegas totalmente preparados para executar o que planejamos. Os equipamentos utilizados são, quase todos, do próprio diretor de som e fotografia: um gravador Zoom H6, uma câmera Canon 6D e uma 5D Mark IV, além de uma gaiola de estabilização, dois tripés, duas lâmpadas leds, um microfone shotgun, uma lapela e cinco cartões de memória. Fora isso, grande parte das imagens usadas como cobertura no filme foi captada por mim ao longo dos últimos dez meses, de palestras e eventos que participei. Para gravar esse material, contei com uma Canon SL2, um gravador Zoom H1 N, um microfone direcional Rode, além de dois HDs externos, que foram utilizados para arquivar todo o material bruto e, posteriormente, na edição do filme. Contamos também com o apoio da Técnica da Faculdade de Comunicação da UnB, que nos cedeu um tripé benro e um blimp, ou Zeppelin, em quatro sets.

### **7.3. PÓS PRODUÇÃO**

*AmbulaTório* foi o primeiro produto audiovisual criado por mim e editado por outra pessoa. Tendo montado dois projetos finais de colegas da Comunicação, já possuía alguma experiência com o processo de troca que se dá entre Direção e Montagem, mas nunca como a pessoa à frente das decisões. Apesar do desejo de

montar eu mesma o filme, uma vez que essa é a área do Audiovisual com a qual tenho mais afinidade, optei por buscar outra pessoa para essa posição, acreditando que, dessa forma, poderia contar com um outro olhar sobre o material, sem enviesamentos, na tentativa de eliminar tudo o que não fosse realmente necessário para a compreensão da narrativa. Baseada no meu próprio método de edição, decidi dar à montadora, Bruna Tavares, o maior espaço possível para que ela pudesse desenvolver seu trabalho, ainda que o projeto não oferecesse tantas saídas criativas.

Como a proposta do documentário era de caráter informativo, estruturado principalmente nos depoimentos coletados, o principal desafio depois das gravações foi rever todo o material e decupar as entrevistas de forma que conseguisse desenvolver a pergunta principal do filme — de que maneira os serviços ofertados pelo Ambulatório Trans impactam o bem estar físico, psíquico e social de pessoas transgêneras, sem torná-lo massante ou cansativo. Para condensar as quase seis horas de conversa em cerca de 20 minutos, minha principal estratégia foi reconhecer as partes em comum entre as falas dos entrevistados, utilizando-as de maneira complementar, de forma que a narrativa se tornasse mais dinâmica, e menos repetitiva. Ainda assim, o primeiro corte do filme teve 37 minutos só de entrevistas, sem o acréscimo de nenhuma imagem de cobertura ou pausas para “respiro” do espectador.

No intervalo de sete semanas entre a primeira e a oitava, e última, versão do filme, o que se deu foi um difícil período de seleção das idéias indispensáveis abordadas no documentário. Entre as vinte perguntas que guiaram as entrevistas com os funcionários do Ambulatório e as conversas fluidas com os usuários do serviço, o material captado permitia, sem dificuldades, a montagem de um média metragem. Nesse processo ficou clara a possibilidade de transformação de um conteúdo audiovisual durante a edição. Percebi que a história contada pelo Adam, o Igor e a Lucci era muito mais interessante do que as explicações, por vezes muito técnicas, dos profissionais de saúde, e que muitas dessas explicações se tornavam

desnecessárias na voz deles porque podiam ser entendidas, ainda que indiretamente, pela experiência dos três.

Assim, com a ajuda da Bruna, que não tinha nenhuma forma de apego ao material ou relação anterior à pós produção com o documentário, o filme foi reestruturado em três partes principais: abertura, onde são apresentados dois dos personagens principais, Adam e Igor, contexto de surgimento do Ambulatório Trans e os principais desafios para a sua implementação, onde trazemos o ponto de vista dos especialistas e esclarecimentos mais técnicos que julgamos relevantes para o filme, e uma terceira parte, em que conhecemos a Lucci, e tratamos de questões que envolvem tanto servidores quanto usuários do espaço, em uma tentativa de alinhar as duas realidades e amarrar os depoimentos em uma só narrativa.

Para marcar a passagem de uma parte para outra, bem como a mudança de assuntos dentro de um mesmo ato, optamos pelo uso de três categorias de imagens: arquivos de eventos relacionados ao Ambulatório Trans e à pauta trans, de maneira geral, coletados ao longo de dez meses; gerais de Brasília, contextualizando geograficamente o filme e reforçando seu caráter social, coletivo; e registros externos e internos do Hospital Dia, onde funciona o Ambulatório. Nesse último caso nos deparamos com alguns desafios durante a etapa de produção, já que não são permitidas filmagens no interior de hospitais e postos de saúde públicos. Na época, conseguimos autorização para gravar as entrevistas com os profissionais, desde que fossem realizadas em salas fechadas, sem a exposição de outras pessoas que lá estivessem. Assim, as poucas imagens do interior do Ambulatório são objetos expostos nas salas e do espaço físico vazio, respeitando a Circular nº 806/2012 da Secretaria de Saúde, a respeito da realização de filmagens na unidades de saúde da SES/DF, e foram feitas, na sua maioria, com câmera na mão, de forma a tentar evitar o constrangimento das pessoas que por ali circulam.

Outro padrão adotado para as transições de blocos temáticos foi a trilha sonora. Optamos por dois caminhos paralelos: usar músicas instrumentais livres de direitos autorais de melodia tranquila e arranjos que priorizassem instrumentos de corda, na tentativa de manter o ritmo calmo dos depoimentos, e o som ambiente das

externas gravadas, novamente no intuito de aproximar o espectador da realidade abordada no filme, lembrando-o que a história apresentada é parte do contexto de todos que vivem no Distrito Federal e Entorno. Assim, com uma trilha pouco sutil e o uso moderado de imagens de cobertura, a montagem de ambulaTório privilegia a deposição dos personagens, sem perder a naturalidade presente nos sets de filmagem.

Quanto à edição de som, assumida pelo Gabriel Pimentel, que foi responsável pela captação durante as filmagens, enfrentamos duas situações opostas: o áudio das entrevistas, na maioria das vezes, foi privilegiado por ambientes fechados, sem fortes ruídos, no passo em que a maior parte das imagens de cobertura são externas, onde os sons eram pouco controláveis. Escolhemos assumir as interferências das locações no universo sonoro do filme e usar do contraste entre som ambiente e trilha musical como uma forma de trazer mais dinamismo para a obra. Assim, o maior desafio da pós produção de som foi equalizar os diferentes espaços, sem que os cortes ficassem muito gritantes, mas preservando a realidade sonora da rua, ruidosa ou não.

A escolha de nomear os entrevistados conforme aparecem no documentário parte da idéia de que a fala dos servidores é melhor compreendida quando se entende a profissão que cada um exerce, e se estende aos outros três personagens como uma opção de padronização, além de valorizar a singularidade de cada um. Para a arte presente nas tarjas nominais, criadas pelo Aleson Estevam, seguimos na linha estética do filme, optando por um conceito de simplicidade, e tendo como base a forma e as cores da bandeira trans: azul celeste, rosa claro e branco, paleta usada como parâmetro para a colorização do filme, feita também pelo Aleson.



## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de *ambulaTório* é um esforço, pessoal e coletivo, para promover um serviço de qualidade, prestado a uma população de altíssima vulnerabilidade social, que depende, em excessivo grau, do interesse e disposição de algumas poucas pessoas envolvidas pessoalmente com a execução dessa política pública. O entendimento, por parte da sociedade, da necessidade de aprimorar e expandir os trabalhos do Ambulatório Trans é de suma importância para a manutenção dessa política. Mais do que isso, é primordial que o Estado, dedique maiores esforços para capacitar profissionais e adequar a estrutura da SES/DF para o acolhimento e o atendimento, em todos os níveis de atenção, de travestis e transexuais.

Produzir um filme, ainda que de caráter experimental, sobre um tema tão sensível e, ao mesmo tempo, que não me diz respeito diretamente, foi uma experiência ímpar na minha trajetória acadêmica. As dificuldades de formar uma equipe, de encontrar personagens dispostos a compartilhar suas experiências e de gerir pessoas, equipamentos e idéias me exigiram disposição para errar e aprender, entendendo que o conhecimento audiovisual pode ser aprimorado todos os dias, e que estar atento às pessoas e situações à nossa volta pode ser uma fonte de inspiração extraordinária.

O cinema, e o audiovisual como um todo, tem um imenso poder de difundir os mais diversos temas e reproduzir as mais diversas realidades. Concluo minha graduação com a certeza de ter escolhido o caminho que melhor corresponde aos meus objetivos pessoais e profissionais, uma vez que, para mim, comunicação é uma das principais ferramentas de transformação social. Que esse documentário possa ultrapassar os limites da academia e alcançar novos espaços, colaborando para o fortalecimento da luta por igualdade, sem, para isso, esquecer nossas diferenças.

## Referências

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. **ANCINE apresenta estudo sobre diversidade de gênero e raça no mercado audiovisual**, 2018. Disponível em: <https://www.ancine.gov.br/pt-br/sala-imprensa/noticias/ancine-apresenta-estudo-sobre-diversidade-de-g-nero-e-ra-no-mercado> Acesso em: 28 de jun 2019.

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. **ANCINE divulga estudo inédito sobre raça e gênero dos participantes dos editais do FSA**. 2019. Disponível em: <https://www.ancine.gov.br/pt-br/sala-imprensa/noticias/ancine-divulga-estudo-dito-sobre-ra-e-g-nero-dos-participantes-dos-editais-do> Acesso em: 28 de jun 2019.

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. **Diversidade de gênero e raça nos lançamentos brasileiros de 2016**. Coordenação de Monitoramento de Cinema, Vídeo Doméstico e Vídeo por Demanda, 2016. Disponível em: <https://www.ancine.gov.br/sites/default/files/apresentacoes/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20Diversidade%20FINAL%20EM%2025-01-18%20HOJE.pdf> Acesso em: 28 de jun 2019.

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. **Painel de Raça e Gênero das Inscrições do FSA**. Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual, 2018. Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/paineis-interativos?painel=viz1560425148937> Acesso em: 28 de jun 2019.

ANTUNES, Leda. **Brasil matou 163 pessoas trans em 2018; mais da metade foi morta por arma de fogo**. HuffPost Brasil, 2019. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/morte-transexuais-2018\\_br\\_5c4f27dee4b0e1872d4641f1](https://www.huffpostbrasil.com/entry/morte-transexuais-2018_br_5c4f27dee4b0e1872d4641f1) Acesso em: 28 de jun 2019.

BENITO, Emilio de. **OMS retira a transexualidade da lista de doenças mentais**. El País, Madrid, 18 de jun 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/internacional/1529346704\\_000097.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/internacional/1529346704_000097.html) Acesso em: 28 de jun 2019.

ARÁN, Márcia; LIONÇO, Tatiana; MURTA, Daniela. **Transexualidade e saúde pública no Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 14, n.14, p. 1141-1149, 2009.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO BRASIL (ANTRA) INSTITUTO BRASILEIRO TRANS DE EDUCAÇÃO (IBTE). **Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contr-pessoas-trans-em-2018.pdf> Acesso em: 28 de junho de 2019.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Resolução nº 1.482, de 1997**, Discorre sobre a realização de cirurgias de transgenitalização no Brasil. Disponível em: <https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/1997/1482> Acesso em: 28 de jun. 2019.

CUNHA, Thaís. **Rotina de exclusão**. Correio Braziliense, 2018. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais> Acesso em: 28 de jun 2019.

LIONÇO. **Atenção integral à saúde e a diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios**. PHYSIS. Rev. Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.43-63, 2009.

LIONÇO, Tatiana. **Bioética e sexualidade: o desafio para a superação de práticas correccionais na atenção à saúde de travestis e transexuais**. *Série Anís*: Brasília, n. 54, 2008, p. 16.

MURTA, Daniela Murta. **A psiquiatrização da transexualidade: análise dos efeitos do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero nas práticas de saúde**. 2007. Tese (Mestrado

em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MURTA, Daniela . **Sobre a apropriação médica da transexualidade e a construção do “Transtorno de Identidade de Gênero”?: Considerações sobre a psiquiatrização das vivências Trans.** HISTÓRIA AGORA , v. 16, p. 69-83, 2014.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**, 6ª edição, Campinas, SP: Papyrus, 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) NO BRASIL. **Páginas Trans**, Um guia de acesso a direitos e serviços para a população trans. ONU Livres & Iguais, 2019.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo o documentário?**, Senac, São paulo, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Letramento: Justificando, Belo Horizonte, 2017

TRANSGENDER EUROPE. **TMM annual report 2016**. Disponível em: <https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf> Acesso em: 28 de jun 2019.

## Referências audiovisuais

BORGES, Sérgio. **O céu sobre os ombros**. Brasil, 2011.

DELLAL, Gaby. **Meu nome é Ray**. Estado Unidos, 2016.

CONASEMS, **Brasil, aqui tem SUS**. Websérie, primeira temporada. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=et8btqO5xf0&list=PLR3\\_tmYi7H3xGC0vLXoDT1a58fQIXS23Q](https://www.youtube.com/watch?v=et8btqO5xf0&list=PLR3_tmYi7H3xGC0vLXoDT1a58fQIXS23Q) Acesso em: 28 de jun 2019.

FRANCE, David. **A morte e a vida de Marsha P. Johnson**. Estado Unido, 2017.

JARDIM, João. **Liberdade de Gênero**. GNT, 2016 - 2017.

KAMANCHEK, Amanda; FRAZÃO, Fernanda. **Chega de Fiu Fiu**. Brasil, 2018

LABOISSIÈRE, Brunna. **Fabiana**. Brasil, 2018.

REAL STORIES, **Mum I Want A Sex Change**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qV8b8hsQups> Acesso em: 28 de jun 2019.

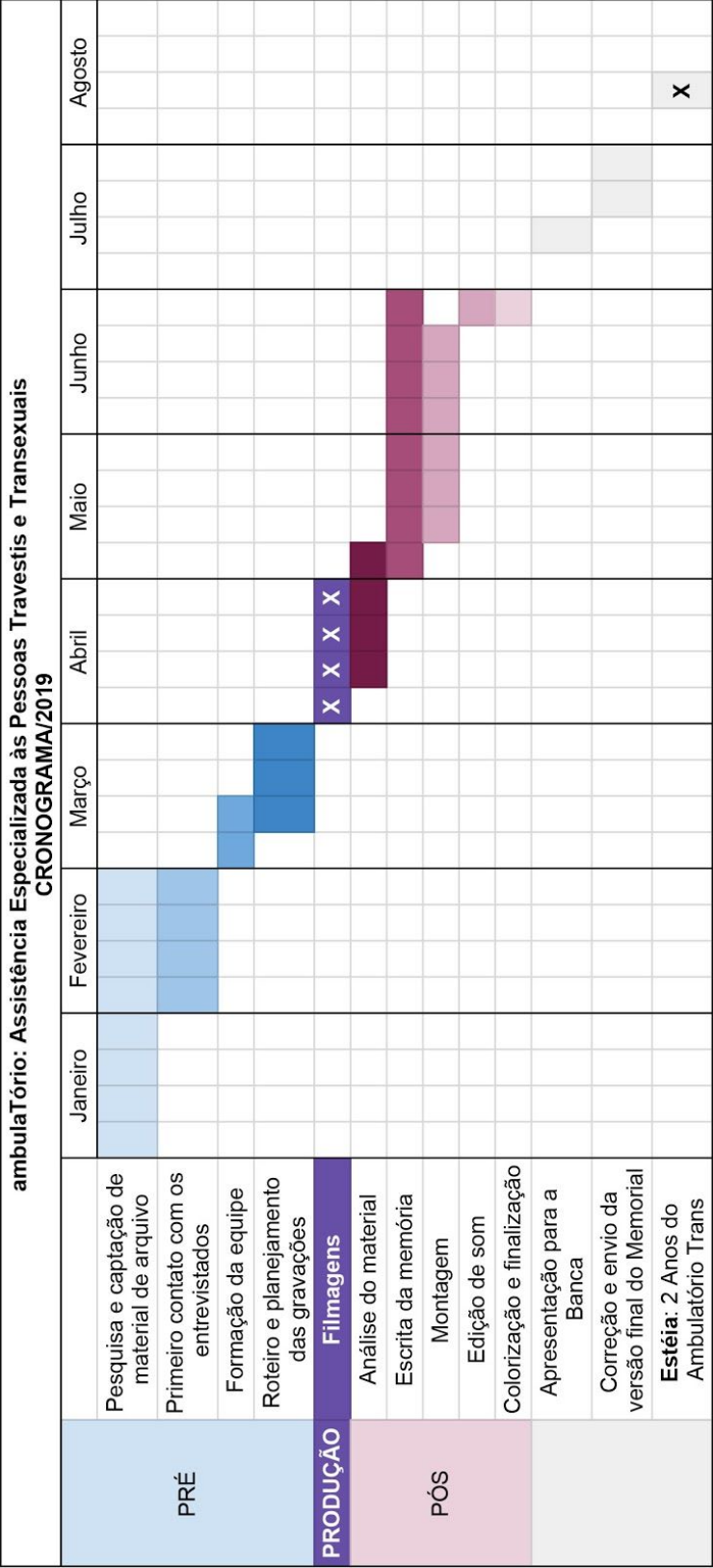
LUCCA NAJAR. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UC33ODj\\_jViL2YEKPM7yF0lw](https://www.youtube.com/channel/UC33ODj_jViL2YEKPM7yF0lw) Acesso em: 28 de jun 2019

ROSA LUZ, DO CANAL BARRACO DA ROSA. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UC CX7dUMgO8\\_ORxWQ4PU4ISA](https://www.youtube.com/channel/UC CX7dUMgO8_ORxWQ4PU4ISA) Acesso em: 28 de jun 2019.

TRANSDIÁRIO, **Trans e travesti é a mesma coisa?**. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=17&v=0MeAlfHawfQ](https://www.youtube.com/watch?time_continue=17&v=0MeAlfHawfQ) Acesso em 28 de jun 2019.

TV SUPREN, **Ambulatório Trans é inaugurado no DF**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Om-zzpndKF0> Acesso em: 28 de jun 2019.

APÊNDICE A - Cronograma



## APÊNDICE B - Orçamento

ORÇAMENTO			
ambulaTório: Assistência Especializada em Pessoas Travestis e Transexuais			
		Gasto Simbólico	Gasto Real
Equipamentos	Baterias Canon (6)	R\$300/unidade	—
	Câmera Canon 5D Mark IV	R\$684/diária	—
	Câmera Canon 6D	R\$228/diária	—
	Câmera Canon SL2 + lente Canon 18-55mm F/4-5.6	R\$2.500	R\$2.500
	Cartão de memória SanDisk Extreme Pro 64GB	R\$155	R\$155
	Cartão de memória SDXC SanDisk Extreme 128GB	R\$206	—
	Cartão de memória SanDisk Extreme Pro 256GB	R\$365	—
	Cartão de memória Transcend 32GB	R\$300	—
	Gaiola estabilizadora	R\$132	—
	Gravador Zoom H1 N	R\$438	R\$438
	Gravador Zoom H6	R\$105/diária	—
	Headphone Sony MDR-7506	R\$600	—
	Lente Canon 24-70mm F/4L	R\$148/diária	—
	Lente Canon 50mm F/1.8 (2)	R\$65/diária	R\$554
	Microfone Lapela AudioTechnica ATR3350is	R\$380	R\$380
	Microfone Lapela sem fio Sony UWP V1	R\$137/diária	—
	Microfone Rode VideoMic Go	R\$380	R\$380
	Microfone Sennheiser MKE600	R\$1.800	—
	Pilhas Duracell AA e AAA	R\$50	R\$50
	Pistol grip Rode PG2-R	R\$125	—
	Tripé Benro	R\$655	—
	Tripé para câmera DSLR	R\$180	—
	Vara de boom Jie Yang	R\$365	—
	<b>Total</b>	<b>R\$20.455</b>	<b>R\$4.457</b>
Equipe*	Arte-finalista	R\$ 2.444,45/semana	—
	Assistente de Produção	R\$ 1.488,40/semana	—
	Assistente de Fotografia	R\$ 1.934,39/semana	—
	Diretora	R\$ 4.041,47/semana	—
	Diretora de Fotografia	R\$ 3.578,40/semana	—
	Logger	R\$ 2.444,45/semana	—
	Montadora	R\$ 2.668,04/semana	—
	Técnico de Som	R\$ 2.668,04/semana	—
	<b>Total</b>	<b>R\$21.286,64</b>	<b>R\$0,00</b>
Outros	Alimentação		R\$190
	Transporte		R\$300
	<b>Total</b>		<b>R\$490</b>
Gasto Total Simbólico			R\$42.231,64
<b>GASTO TOTAL REAL</b>			<b>R\$4.947</b>

\*Orçamento baseado na tabela salarial do SINDCINE - Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica e do Audiovisual dos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Distrito Federal.

## APÊNDICE C - Roteiro de perguntas

Lusa Fontana Portuguez - ASSISTENTE SOCIAL (8 de abril)

1. Como surgiu o seu envolvimento com a questão de saúde de pessoas trans e como começou a trabalhar no Ambulatório?
2. Qual o papel do assistente social dentro do processo acompanhamento dos usuários do Ambulatório?
3. Como você entende que a vulnerabilidade social está relacionada com a saúde das pessoas trans?
4. Como o Ambulatório tem contribuído para o bem estar e a qualidade de vida das pessoas trans?
5. Como você avalia o papel da sociedade civil na implantação e implementação de políticas públicas como o Ambulatório Trans?
6. Quais os desafios que o Ambulatório enfrenta e o que é necessário para que possa melhor atender seus usuários?
7. O que pode ser feito para que o Ambulatório se torne mais acessível?

Jussane Mendonça - PSQUIATRA (11 de abril)

1. De que forma inclusão e socialização estão relacionados com bem estar físico e mental?
2. Multidisciplinaridade: qual a importância do trabalho em equipe?
3. Como o Ambulatório está pensando o fluxo para encaminhamento de cirurgias? É necessário um laudo psiquiátrico?
4. O que representa pra você esses quase dois anos de Ambulatório Trans?

Luís Fernando Marques - MÉDICO DE FAMÍLIA (11 de abril)

1. Identidade de gênero: breve definição sobre trans, travesti, não binário.
2. Contextualização sobre o surgimento do Ambulatório Trans do DF.
3. Qual o perfil dos usuários do Ambulatório?
4. Qual a expectativa de vida das pessoas trans no Brasil? Quais os principais fatores que influenciam essas taxas?
5. Quais os serviços ofertados pelo Ambulatório e como é organizado seu fluxo.

André Peredo - PSICÓLOGO (11 de abril)

1. Qual o conceito de transexualidade de acordo com a OMS e o que muda do CID 10 para o CID 11?
2. Quais os princípios que orientam o trabalho da equipe do Ambulatório?
3. Qual o papel da psicologia no fluxo do Ambulatório Trans?
4. Experiência com os grupos psicoterapêuticos — a importância para os usuários e a equipe.